

Faculdade de Letras/UFRJ  
Português IV – Professora: Célia Lopes  
Unidade I – Introdução teórica (parte 2)

### Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos (Versão preliminar)

- *Conceituando...*

A gramaticalização<sup>1</sup>, grosso modo, ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais<sup>2</sup>, podendo mudar de categoria sintática (=recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.<sup>3</sup>

Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização<sup>4</sup>, revigorados nas décadas de 80 e 90, diversos autores<sup>5</sup> retomam a discussão sobre o *problema da transição*<sup>6</sup> e defendem ser o gradualismo inerente aos fenômenos de gramaticalização estudados. Postula-se, inclusive que, por ser um fenômeno contínuo, a gramaticalização não é um processo que possa se extinguir. Tal perspectiva não contradiz os princípios da teoria Sociolinguística laboviana<sup>7</sup> quando defende que os fatores que produzem mudanças, não só no âmbito lingüístico, como também no da vida humana, não são abruptos e repentinos, mas atuam lenta e gradualmente, e é por isso que a mudança lingüística requer a observação de dois ou mais estágios de uma língua. Na trajetória da mudança, há estágios intermediários em que formas em conflito se distribuem irregularmente entre falantes e ouvintes num processo que pode aparentemente durar séculos. As mudanças não afetam um sistema lingüístico em sua totalidade e, nesse sentido, pode-se falar em um *continuum* evolutivo diacrônico, que pode ser paralelo ao *continuum* categorial sincrônico. Defende-se que os “limites entre diacronia e sincronia se desfazem e o único que se mantém é um dinamismo constante e essencial às línguas”<sup>8</sup>.

Como a gramaticalização ocorre? O que determinaria uma mudança que se opera do léxico à gramática?

Desde o século XIX, desenvolvem-se estudos que tentam explicar como se originam e se desenvolvem as categorias gramaticais. Numa perspectiva de caráter mais funcionalista<sup>9</sup>, a trajetória da mudança se daria pela regularização do uso da língua que ocorreria a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares feitos pelo falante para atender seus propósitos comunicativos. Com a repetição de uma construção ou forma<sup>10</sup>, algo que é casuístico

<sup>1</sup> Hopper & Traugott (1993) apontam a diversidade de sentido do termo gramaticalização, enfatizando que o fenômeno pode ser estudado dentro de uma perspectiva histórica, na qual, em geral, se prefere o termo *gramaticalização*, ou numa perspectiva sincrônica, na qual o termo *gramaticização* é o preferido. A perspectiva histórica, que mais nos interessa aqui, vê a gramaticalização como um subconjunto da mudança lingüística, “um tipo de mudança sujeita a certos processos gerais e caracterizado por certas consequências, tais como a mudança na gramática” (Traugott & Heine, 1991:3). Ver ainda Traugott & Heine, 1991 e Hopper & Traugott, 1993, Heine, 2003, Castilho, 1997, entre outros.

<sup>2</sup> Torna-se mais gramatical significa dizer que o item passa a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se previsível em termos de uso (Martelotta *et alii*, 1996:46)

<sup>3</sup> Adaptado de Castilho, 1997:31.

<sup>4</sup> Castilho (1997), revisitando o tema, ressalta, no entanto, que a gramaticalização é um fenômeno que vem sendo estudado por diferentes correntes teóricas, embora nem sempre se saiba claramente qual delas subjaz aos inúmeros estudos realizados. O principal ponto da discussão não é chegar à conclusão de que é o discurso, como privilegiam os funcionalistas, ou a gramática, como apregoam os formalistas, que desencadearia os processos de gramaticalização, mas que haveria processos cognitivos anteriores que ativariam as potencialidades dos itens lexicais. Concebe-se, pois, o Léxico “como o módulo central da língua, em que estão depositados itens já marcados por propriedades gramaticais, discursivas e semânticas” (Castilho, 1997: 59).

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Lichtenberk (1991).

<sup>6</sup> Weinreich, Labov & Herzog 1968.

<sup>7</sup> *Op. cit.* nota anterior.

<sup>8</sup> Company, 2003, p. 19.

<sup>9</sup> A análise lingüística de base funcionalista prioriza a linguagem como fenômeno mental e social, correlacionando fatores sócio-comunicativos e/ou sócio-cognitivos em situações “reais” de uso.

<sup>10</sup> A repetição é vista como um processo pelo qual seqüências de palavras ou morfemas, freqüentemente usados, se tornam automáticos como uma única unidade de processamento.

se fixa, tornando-se normal e regular, ou seja, se gramaticaliza. A contínua regularidade ocorre quando as estratégias discursivas empregadas pelo falante numa situação comunicativa perdem a eventualidade criativa do discurso e passam a ser regidas por restrições gramaticais (do discurso para a gramática). É como se os elementos lexicais fossem perdendo suas potencialidades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo biossocial e fossem ganhando a função de estruturar o léxico na gramática, assumindo, por exemplo, funções anafóricas e expressando noções gramaticais como tempo-modo, aspecto, etc.

A frequência de uso<sup>11</sup> é um fator primordial na geração de uma mudança, pois “fixa o uso, o rotiniza, outorga apoio paradigmático e cria estabilidade no sistema”, além disso, a repetição leva ao enfraquecimento da força semântica (ou generalização) de uma forma pelo hábito, ou seja, as formas tornam-se mais gerais, mais abstratas quanto ao seu significado.<sup>12</sup> Essa perda de transparência semântica leva ao emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica.

- *O ciclo funcional de Givón*

A origem do processo teria, pois, uma motivação pragmático-discursiva, por isso, alguns autores postulam estágios ou etapas da gramaticalização como o ciclo funcional de Givón. O esquema do autor busca representar os processos de regularização do uso da língua em termos diacrônicos: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero. Em princípio, itens lexicais/construções começam a ser utilizadas casualmente no discurso e, embora possam ter determinada função gramatical, seu uso não é sistemático e fixo. Por conta da sua repetição, tal forma ou construção torna-se mais regular com determinada estruturação sintático-morfológica. O item/construção se cristaliza morfológicamente perdendo paulatinamente sua variabilidade sintagmática: sua ordem torna-se mais rígida, não podendo, por exemplo, sofrer inversão ou intercalação de elementos (morfologia). Por conta da frequência de uso pode ainda sofrer algum tipo de alteração fonológica (erosão) e desaparecer. Caso atinja ao zero, outro item ou construção é recrutado para substituí-lo formal e funcionalmente, recomeçando o ciclo funcional. Há outras perspectivas semelhantes como é o caso dos diferentes estágios de gramaticalização: sintaticização → morfologização → redução fonológica → estágio zero (reinstauração de todo o processo).

- *Os exemplos recorrentes: de verbo auxiliar a morfema de futuro e de nome a sufixo*

O exemplo apresentado se configura como um clássico caso de gramaticalização, pois se trata de uma forma verbal (verbo auxiliar *habere* latino) que se transforma em mero morfe de tempo futuro.

A estrutura analítica constituída por verbo no infinitivo seguida pelo verbo *habere*, *amare habeo*, no latim clássico, queria dizer “tenho de cantar” ou “tenho vontade/desejo de cantar”. Essa combinação “se estabeleceu como uma locução volitiva, focalizando, do presente, a vontade que uma ocorrência se desse.”<sup>13</sup> No latim vulgar, tal estrutura tornou-se o modo de expressar o tempo futuro no latim vulgar. Isso ocorreu em diversas línguas românicas: o “ei” no final do português “amarei” e o “ò” do italiano “amarò” são resquícios do *habeo* engolido pela nova forma verbal.<sup>14</sup> Coexistindo com o futuro sintético latino (*amabo*), apesar de ser empregado com uma acepção semântica específica, sua eventualidade discursiva permitia maior liberdade sintática (*habeo amare*) e intercalação de elementos (*amare (te) habeo*). Ao tornar-se mais freqüente, a estrutura sofreu enfraquecimento de sua força semântica, se rigidificou, sofrendo a aglutinação dos dois vocábulos a partir de uma redução fonética violentíssima da forma *habere*. O ponto de partida foi a síncope da /b/ intervocálica e pelo contato das vogais em hiato houve assimilação, ditongação e(ou) contração: (*amare*) *habeo* > *a(b)eo* > *\*aio* > *\*eio* > *ei*. Um outro dado importante refere-se aos resquícios nas formas gramaticalizadas de antigos estágios da língua (ou *persistências* formais)<sup>15</sup>. No caso da formação desses novos futuros sintéticos, seja do presente, *amarei*, ou do pretérito, *amaria*, tem-se como “regra” o emprego de pronome oblíquo mesoclítico. Na realidade, os únicos tempos que admitem mesóclise são esses

<sup>11</sup> Company (2003, p. 28)

<sup>12</sup> Bybee 2003.

<sup>13</sup> Câmara Jr. 1979: 130.

<sup>14</sup> *Letras ao léu* por Jerônimo Teixeira, suplemento Cultura, outubro 2002, p. 54.

<sup>15</sup> Ver princípio da persistência de Hopper.

dois tempos verbais originados de antigas formas perifrásticas. A mesóclise, já em desuso no português falado e até escrito, poderia ser considerado um resquício do antigo futuro analítico constituído de *infinitivo + habere*. O pronome ocorre justamente entre o “suposto” infinitivo e o verbo auxiliar: *encontrar-te-ei, paga-lo-ia*, etc. Que outra forma verbal admite, em português, a intercalação de qualquer elemento entre a vogal temática e a desinência modo-temporal? Somente um caso gerado a partir de um processo de gramaticalização.

Esse é considerado um exemplo clássico de gramaticalização, por encaixar-se perfeitamente ao esquema de Givón: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero. No atual estágio da língua, poderíamos (quem sabe?) conjecturar que a forma morfológica do futuro do indicativo (*amarei*) esteja no estágio “zero”, uma vez que o falante já introduziu no “discurso”, para marcar a “noção de futuro”, a combinação de “ir + infinitivo” (*vou fazer, vou amar, etc*) iniciando, talvez, um novo processo de “gramaticalização”. No caso da estrutura atual, “ir + infinitivo” já se verificam alterações semânticas. O verbo “ir” como verbo pleno significa originalmente “deslocar-se no espaço”. Na construção em análise, houve uma extensão semântica de “movimento no espaço” para “movimento no tempo” e o verbo “ir” passa a funcionar nessa construção como um verbo meramente auxiliar de tempo futuro. Alguns empregos causam certa estranheza entre os falantes do português em determinados níveis sociais, como é o caso de “vou ir” que aparentemente seria redundante, levando em conta o sentido primitivo de “ir” (ir duas vezes?). Outros, entretanto, não recebem qualquer avaliação negativa, como é o caso de “vou estar” e “vou ficar”, embora tenhamos um suposto verbo de movimento (*ir*) aliado a verbos de não-movimento ou permanência (*estar, ficar*).

Em inglês, há um caso semelhante com a construção *be + going + to + Verbo*. Originalmente, a estrutura sintática [I' m going] [to sell my car] era constituída por duas orações. A primeira, seria a principal seguida por uma oração final: *eu vou para (a fim de) vender o meu carro*. O verbo *go* se constituída como verbo predicador com sentido de movimento/deslocamento no espaço físico. A oração [to sell my car] introduzia a finalidade desse deslocamento espacial. Tal estrutura foi assim reanalisada (re-interpretada)<sup>16</sup>:

↓

[I am going to] [sell my car]

*going to* = unidade com valor “progressivo” – Auxiliar de aspecto/tempo

[*sell my car*] = Vpredicador/principal (núcleo da predicação) + complemento

↓

Redução fonológica: [I gonna] [sell my car]/[stay] (não só com verbos de ação, até com verbos de *estado*) – formação de futuro em inglês

Outro exemplo recorrente, e comum a diversas línguas românicas, é o nome substantivo *mente* (It.) que se gramaticalizou em sufixo formador de advérbios de modo. Trata-se de outro caso de item lexical que atinge um nível máximo de gramaticalização por se tornar um morfema derivacional. Vejamos essa trajetória:

O nome “mente” com o sentido de “o modo, a maneira” era freqüentemente utilizado como núcleo do sintagma que vinha determinado por adjetivos em construções como: *agir [cristã mente]* = agir [de modo cristão]. Segundo Câmara Jr, “o emprego de **mente**, inicialmente o ablativo do substantivo feminino *mens* “mente”, combinado com um adjetivo que se quer usar adverbialmente, foi um mecanismo geral utilizado já no latim vulgar para derivar advérbios de adjetivos. O adjetivo é obrigatoriamente anteposto e concorda em gênero com *menta*, que tem na construção o sentido geral de “maneira, modo”.<sup>17</sup>

É bem provável que no latim vulgar o nome *mente* fosse mais freqüentemente utilizado posposto ao adjetivo do que anteposto a ele. A repetição de tal construção *adjetivo + mente* fixou seu uso como uma única unidade de processamento que se generalizou pelo hábito

<sup>16</sup> A reanálise ocorre com o apagamento das fronteiras entre determinados constituintes sem alteração da estrutura superficial da unidade sintática, desenvolvendo-se uma nova estrutura. Campbell afirma que a *reanálise* é um dos 3 mecanismos de mudança sintática, além da *extensão semântica* e dos *empréstimos* pelo contato entre línguas. Para o autor, a gramaticalização é um processo decorrente de uma série de reanálises e não um mecanismo particular com estatuto independente. A gramaticalização pode ser também um processo decorrente de extensões como é caso do verbo pleno *will* do inglês que significava ‘querer’ e era empregado apenas para sujeitos humanos [+animados]: [*The King*] [*will*] [*eat*] = [*O rei*] [*deseja*] [*comer*]. O verbo pleno *will* torna-se freqüente e sofre extensão semântica, passando a ser empregado em contextos anteriormente impossíveis, como é o caso de sujeito inanimados [*The table*] [*will fall*] = *A mesa cairá*. Vê-se que a estrutura superficial é a mesma, mas as fronteiras sintáticas mudou.

<sup>17</sup> Adaptado de Câmara Jr, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, 1979, página 121.

para indicar modo. Tal formação adverbial em *-mente* também se configura como um processo de morfologização, pois, de acordo com Meyer-Lübke<sup>18</sup> é o único caso em que há uma “passagem da construção sintática pela composição até a formação sufixal”.

Não se pode esquecer, entretanto, que tal fenômeno evidencia que mudanças ocasionadas por processos de gramaticalização não se configuram necessariamente como concluídos ou acabados, ou seja, as formas evoluem do léxico para a gramática, de menos gramatical para mais gramatical, mas não há perda completa de suas propriedades originais como vimos com *infinitivo + habeo*. As formações derivacionais em *-mente* apresentam, atualmente, peculiaridades inusitadas. Câmara Jr., por exemplo, chega a afirmar que se trata, em português, de uma locução: “dois vocábulos fonológicos e mórficos distintos usados em bloco como uma unidade secundária”. Vejamos algumas razões apontadas:

Em português, qualquer advérbio em *-mente* tem como base um adjetivo no feminino<sup>19</sup>. Pode-se dizer que a sistematicidade desse tipo de formação adverbial se justifica pelo fato de o nome *mente* ser originalmente feminino e por isso mantém-se uma suposta concordância com o adjetivo. Como ocorre em outros casos de gramaticalização, o sufixo não perdeu completamente as características originais. Ainda hoje o sufixo *mente* combina-se apenas com bases adjetivas no feminino (*claramente, serenamente, internamente*) e pode ser elidido numa seqüência de advérbios: *falou franca e asperamente* (= *francamente e asperamente*), o que não ocorre com outros sufixos. Por conta desse comportamento idiossincrático<sup>20</sup>, há uma vasta discussão sobre como analisar morfologicamente a vogal *-a-* que se interpõe entre a base nominal e o sufixo. Em princípio, seria absurdo considerar como desinência de gênero feminino por anteceder um sufixo derivacional e por constituir parte de um advérbio que são vocábulos invariáveis. A análise sincrônica mais simples para o ensino seria, por exemplo, considerar o *-a-* como mera vogal de ligação.

Apesar de não ter perdido alguns dos seus traços primitivos de nome e não ter um comportamento típico de forma derivada, pode-se dizer que o elemento *-mente* diverge do substantivo *mente* (do *mens* latino) do qual se originou. Há vários argumentos estruturais que confirmam tal posição: 1) a formação de advérbios em *-mente* é produtiva e freqüente em português; 2) a posição do sufixo é fixa, sempre posposta ao adjetivo feminino (*futuramente, antigamente, certamente*), o que não acontece, por exemplo, com o substantivo *mente* que não sofre restrições dessa natureza (*a mente humana* ou *a humana mente*); 3) os valores semânticos do sufixo e do substantivo divergem, pois o sufixo não forma, hoje em dia, apenas advérbios de modo: *antigamente, futuramente* (tempo); *cerveja estupidamente gelada*; *um dia extremamente quente* (intensidade); *certamente, provavelmente, sinceramente, absolutamente*, entre outros, a depender do contexto podem funcionar como modalizadores (aplicam-se a sentenças completas, indicando atitude proposicional do falante: *Felizmente nada aconteceu contigo*), como aspectualizadores (*geralmente estou em casa às 10h e faço diariamente as mesmas tarefas*), etc.

*- Discutindo e ilustrando alguns princípios de gramaticalização:*

Na bibliografia referente ao tema, encontramos diferentes tipologias, princípios ou fases da gramaticalização. Hopper (1991) apresenta 5 princípios: *estratificação* (= *layering*), *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decategorização*. Lehmann (1982) também elenca cinco princípios: *paradigmatização*, *obrigatoriedade*, *condensação*, *fixação*, etc. Entretanto, apesar da diversidade terminológica, percebe-se que as propostas se complementam e convergem para princípios mais gerais. Façamos algumas correlações entre os princípios e alguns casos estudados para melhor compreender o fenômeno.

Como vimos, a gramaticalização pressupõe, principalmente nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. O princípio da *persistência*<sup>21</sup> confirma essa perspectiva, quando se postula que “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical” como vimos nos dois exemplos mencionados. A gramaticalização de *ille* (pronome demonstrativo latino) para *ele* (pronome pessoal do português) também exemplificaria tal

<sup>18</sup> *apud* Sandmann, 1996:77

<sup>19</sup> Para Câmara Jr., “o adjetivo se flexiona com a desinência de feminino para concordar com *mente*.”

<sup>20</sup> Alguns autores consideram que não existe sufixo adverbial em *-mente*.

<sup>21</sup> Hopper, 1991:124.

posição. O pronome pessoal *ele* mantém a propriedade de flexão de gênero (*ele/ela*) e número (*ele/eles*) dos demonstrativos. Os pronomes pessoais “legítimos” não sofrem flexão de gênero/número (*eu/nós, tu/vós*), pois são itens lexicais diferentes, e não a variação de um mesmo item. Considera-se que as formas de primeira e segunda pessoas teriam uma maior dimensão pragmática, no sentido de serem os verdadeiros vocábulos dêiticos situacionais. As formas de terceira pessoa são em geral menos situacionais e mais textuais, ou seja, anafóricos. Além disso, a forma *ele* (de *ille*) caracteriza-se como a “não-pessoa” em oposição às verdadeiras pessoas do discurso (“quem fala” *eu* versus “quem ouve” *tu*). Pode-se dizer que a forma de terceira pessoa se comporta mais frequentemente como elemento anafórico do que dêitico, o que é mais raro para as outras pessoas. Enfim, a inserção de *ele* no sistema pessoal “cinde o quadro em dois tipos distintos de pronomes, com reflexos na sintaxe e em sua interpretação semântica”<sup>22</sup>.

Outro caso, a ser mencionado, refere-se à gramaticalização de *gente* (nome) > *a gente* (pronome). Nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. A forma gramaticalizada **mantém** do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+ EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um “falante + alguém”, numa frase do tipo *a gente, precisa comprar a nossa, própria casa*. A forma gramaticalizada herdou ainda a referência indeterminadora, genérica e a noção coletiva do substantivo *gente*. Tal noção também pode ser expressa pelo pronome *nós*.

O princípio da *estratificação* (*layering*) estipula a coexistência entre o novo e o velho em um domínio funcional amplo. Não há o descarte imediato da forma mais antiga em detrimento da forma emergente, mas um período de transição, de convivência das diversas camadas, que configurariam uma fase de convivência entre as duas estratégias. A variação entre *nós* e *a gente* ou entre *tu* e *você* confirmam tal coexistência.

Outro princípio, a *especialização*, associa-se à limitação das opções, que ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória. Pressupõe-se, por exemplo, que uma forma emergente como *você* passou paulatinamente a ocorrer em contextos lingüísticos específicos e diferentes dos contextos favorecedores da expressão original *Vossa mercê*.

Com relação ao princípio da *divergência*, postula-se a permanência do item lexical original convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada, embora diverjam funcionalmente. O nome *mente* (*a mente humana*), como vimos, diverge funcionalmente do sufixo *-mente* formador de advérbios (*isso é humanamente impossível*), além de: *gente* e *a gente*, *ir* pleno e *ir-auxiliar* de futuro, *mercê*, *vossa mercê* e *você*, etc.

Tal comportamento remete-nos ainda ao princípio da *decatégorização*<sup>23</sup> que consiste na neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem (nome) e adoção dos atributos da categoria-destino (forma pronominal).

A forma *a gente*, diferentemente da forma original, passou a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas a depender do gênero do referente (*a gente está bonita* – referência exclusiva a mulheres / *a gente está bonito* – referência mista, genérica ou a homens<sup>24</sup>). Os outros pronomes pessoais também se comportam assim. Embora não tenham traço de gênero formal, os pronomes pessoais primitivos *eu, tu, nós, vós* estabelecem uma concordância semântica em estruturas predicativas (*eu sou velha, nós estamos cansados*, etc). O nome *gente* só admite a concordância no feminino mesmo que o referente seja do gênero masculino: *essa gente, que só faz xixi em pé e pinga sempre a tábua, precisa deixar de ser tão porquinha*.

Um outro aspecto refere-se à perda gradativa dos privilégios sintáticos da categoria nominal, como o fato do nome *gente* poder ser determinado por anteposição (*aquela gente saiu*), posposição (*gente interessante saiu*) ou anteposição-posposição simultânea de determinantes no SN (*esta gente esperta saiu*), ao passo que *a gente* assumiu um dos atributos característicos dos pronomes pessoais que é o de não poder ser determinado no sintagma

<sup>22</sup> Castilho, 1997:37.

<sup>23</sup> Hopper, 1991.

<sup>24</sup> Ver o estudo de Lopes, 2003 e Vianna 2006.

nominal, ocorrendo preferencialmente isolado no SN<sup>25</sup> (*a gente saiu*). A possibilidade de determinação do nome, ao lado da impossibilidade de determinação do pronome pessoal<sup>26</sup>, seria o principal fator que oporia uma classe à outra, determinando sua referenciabilidade.

- *De advérbios a conjunções*

Processo também produtivo é a passagem de certos advérbios a conjunções, principalmente, os advérbios de valor espacial. Nesses casos, em termos estruturais o advérbio, grosso modo, perde sua liberdade sintagmática, passa a ocupar posições mais fixas ligando cláusulas. Os exemplos mais comentados dizem respeito ao *mal*, *mais*, *agora*, *já*, *em boa hora* > *embora*, *logo*, entre tantos outros que vêm sendo analisados à luz da gramaticalização.

Em latim, *mal* com suas declinações específicas já existia como substantivo (*malum-i*), prefixo (*malevolentia*), adjetivo (*malus-a-um*) e advérbio (*male*). Atualmente, em português, ao lado do advérbio modal (*ele falou mal de mim = ele não falou bem*), tem-se o emprego de *mal* como conjunção temporal<sup>27</sup> (*Mal você saiu, ele chegou = assim que/no momento em que você saiu, ele chegou*). O advérbio admite ainda certa mobilidade (*ele falou de mim (muito mal)*), ao passo que a conjunção ocupa, nesse caso, posição fixa encabeçando a oração. A alteração da ordem para pós-verbal, no caso da conjunção, nos leva a interpretar o item como advérbio: *Você (se) saiu mal* (= não foi bem).

O elemento *agora*<sup>28</sup>, por exemplo, surgiu da reanálise da expressão latina *hac hora* (= *(n)esta hora*). O primeiro elemento *hac* era um demonstrativo que indicava proximidade em relação ao falante e *hora* um substantivo. *Hac hora* era uma locução de ablativo que substituiu, regionalmente, no latim vulgar, o advérbio temporal *nunc* (neste momento).<sup>29</sup> O caráter temporal é mais perceptível que o espacial, embora a presença do demonstrativo na expressão latina situasse espacialmente a referência. Os limites entre espaço-tempo se imbricam na trajetória da gramaticalização como um processo de abstratização (do [+concreto] para o [+abstrato]) como se viu na discussão sobre o *ir* (verbo pleno – deslocamento/movimento no espaço) > *ir* (verbo auxiliar – deslocamento/movimento no tempo = noção de futuro). Uma escala *espaço* > (*tempo*) > *texto*<sup>30</sup> se aplica com pertinência na gramaticalização de advérbios a conjunções. A trajetória proposta para a gramaticalização do *agora* pressupõe uma passagem de sua função exofórica (ou dêitica) em (i) para funções endofóricas -- anafóricas (ii) ou catafóricas (iii) --, juntivas (iv) e discursivas (v):

- (i)<sup>31</sup> Estou saindo *agora*. [neste exato momento em que falo];
  - (i') *Agora* você falou uma coisa importante [antes ao momento em que falo];
  - (i'') O que farei *agora*? [posteriormente ao momento em que falo]
- (ii) O que você fez nesse fim de semana *agora*?
  - (i) Na quinta-feira *agora* eu vou a João Pessoa.
  - (ii) Eu não gosto de serra, *agora* uma praia eu amo. [= mas - conjunção];
- (v) *Agora* Carlos, me fala uma coisa, você vai mesmo se mudar? [= marcador discursivo]

A oposição passado x presente reforçada pelo *agora dêitico* deve ter facilitado a sua interpretação como juntivo por conta das remissões feitas a tempos variados (anteriores ou

<sup>25</sup> A princípio, apesar de os pronomes e os substantivos exercerem as mesmas funções sintáticas (núcleo do sujeito, complementos e sintagmas preposicionados) -- o que já levou alguns autores a considerarem desnecessário se ter a classe dos pronomes como uma classe funcional à parte -- há pelo menos uma diferença fundamental em termos de comportamento sintático: os pronomes, principalmente os pessoais, ao contrário dos nomes, não podem ser antecidos por determinantes e funcionam, em geral, como núcleos isolados no SN. Pode-se dizer: “a garota estudou”, enquanto “\*a ela estudou”, ou “\*o eu estudei” seriam agramaticais.

<sup>26</sup> Os raros casos de determinação com pronomes pessoais ocorrem com as formas plurais: *nós três*, *nós todos*, *três de vocês*, *vocês dois*, além do emprego de intensificadores: *somente eu*, *mesmo ele*.

<sup>27</sup> Ver o trabalho de Silva e Silva (2001) e de Votre e Oliveira (1995).

<sup>28</sup> Ver a dissertação de Paulo Duque sobre a gramaticalização de *agora*, 2002.

<sup>29</sup> Câmara Jr, 1979, p. 120.

<sup>30</sup> Ver Traugott e Heine 1991 e exemplos do português em Martelotta, 2003, página 49 em diante.

<sup>31</sup> Moura Neves (p. 266) apresenta diversos valores para o advérbio de tempo *agora*: a) neste momento (i); b) na época atual; c) neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este (i''); d) no momento imediatamente anterior a este (i') e f) nos últimos tempos.

posteriores ao momento em que falo)<sup>32</sup>: *antigamente eu era pobre (passado), agora eu melhorei de vida (presente)*.

O advérbio *já*, do latim *iam* “de modo imediato”, era um advérbio de natureza nominal denominado modal por assinalar “o modo de ser do evento”. A fluidez entre tempo e modo, nesse caso, não é tão nítida: “*os convites já chegaram (neste momento - tempo) e Levante-se já daí! (rapidamente, imediatamente, logo ou neste momento?)*”. Assim como acontece em *agora*, o advérbio *já* tem sido utilizado como juntivo<sup>33</sup> estabelecendo oposição entre as idéias expressas nas cláusulas: *Gosto muito de ravioli, já meu marido só come talharim*.

Vários advérbios também passaram a conjunções, perdendo a sua indicação espacial-temporal básica e concreta e passando a indicar relações textuais. Citemos outros casos:

- (iii) Depois que fui a este *logo* [do latim *locu* = lugar]
- (iv) “A primeira natureza da poonba he que *em logo de* cantar geme” (Livro das Aves)<sup>34</sup> [do latim *loco*, forma reduzida de *in loco* = no lugar, ali mesmo]
- (v) É melhor ir *logo* falar com o médico. (vii) *Aqui seu suco, tome logo*.
- (vi) Melhorei rápido, *logo* irei ao trabalho.

Em (v), tem-se um exemplo arcaico em que o valor adverbial locativo ainda mantém o sentido original do substantivo latino *locu*. Em (vi), nota-se a abstratização do sentido espacial da expressão latina *in loco*. Não se trata de um espaço físico, mas de um espaço textual, pois se opõem duas ações (*cantar x gemer*). Em (vii), *in loco* > *loco* assume outros valores como *de imediato, rapidamente, brevemente*. Tal uso se firma, em português moderno, uma vez que se perde o valor espacial, funcionando como advérbio de tempo. Moura Neves estabelece uma distinção, mesmo que tênue, entre o exemplo (vii) e o (vii'). No primeiro, teríamos *logo* com sentido de “em tempo curto, sem demora” e no outro “em momento ou período seguinte bem próximo do presente momento. Parece-nos que os dois sentidos, apesar de coexistirem, podem evidenciar etapas diferentes da gramaticalização de *logo*, pois a acepção de (vii') seria menos abstrata que (vii). No exemplo (viii), em uma primeira leitura, *logo* é interpretado como conjunção conclusiva, segundo a tradição gramatical, pois poderia ser substituído por *portanto, por conseguinte*. Apesar de considerar que “o elemento conclusivo *logo* está em estágio mais avançado” de gramaticalização, Moura Neves (p. 241) não apresenta uma subdivisão para conjunções conclusivas como faz o ensino tradicional. Em sua Gramática de Usos, chama *porém, contudo, entretanto, portanto, então, etc* como advérbios juntivos de valor anafórico por ocorrerem numa oração ou sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma anterior. Os três primeiros indicariam contraste e os dois últimos, conclusão.

#### - A gramaticalização do *que* relativo

Há ainda a análise feita por Silva (2005) sobre o estatuto gramatical do item *que* nas estratégias de relativização. A autora defende que o pronome relativo já está funcionando, em alguns contextos, apenas como marca de subordinação, conjunção integrante ou complementador/complementizador.

A hipótese, baseada na perspectiva de Bybee (2003) sobre o papel da frequência nos processos de gramaticalização, é a de que a repetição da estratégia cortadora associada à frequência de uso das relativas na função de sujeito acionou a gramaticalização ou despronominalização do *que* relativo. Essa hipótese se baseia no fato de as relativas de sujeito (a) e de objeto direto (b) terem o mesmo *output* fonético da estratégia não-padrão cortadora (c), ou seja, iniciam-se pela partícula *que* sem marca de preposição em alguma posição:

- (a) O garoto *que* veio hoje (padrão - sujeito)
- (b) O garoto *que* encontrei hoje (padrão - objeto)
- (c) O garoto *que* gosto muito (cortadora – complemento relativo)

<sup>32</sup> Análise proposta em Paulo Duque, página 79.

<sup>33</sup> A tradição gramatical considera o emprego de *já* como conjunção alternativa: *já – já, ora – ora, quer – quer: já se deitava, já se levantava aos gritos*. A repetição, segundo Câmara Jr, indica intermitência no tempo. A correlação *ora – ora* originou-se de *hora: ora se deitava, ora se levantava*. (ver p. 187)

<sup>34</sup> Exemplo extraído de Martelota, p. 64.

Acredita-se que como esse é um recurso produtivo na língua (o uso mais freqüente das relativas de sujeito e de objeto), a sua estrutura superficial (semelhante a da estratégia cortadora) poderia estar se generalizando nas demais funções sintáticas. A freqüência de uso das estruturas relativas de sujeito/objeto resultou no enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico. Além disso, a estrutura superficial da cortadora tornou-se mais geral. A construção, por conseguinte, passa a ser usada em outros contextos: estaríamos diante da estratégia cortadora, forma resultante do processo de generalização. O falante não estaria distinguindo construções como (d) e (e):

(d) *um ventilador de pá com luminária **que** é a salvação no verão. Padrão de sujeito*

(e) *Aconteceu com um grupo de amigos **que** eu faço academia. Cortadora de adjunto adverbial*

[No lugar de **com quem/com os quais** faço academia.]

Lope Blanch (1984) atestou que a baixa freqüência de uso do relativo “cujo”, no espanhol, facilitou o aparecimento da duplicação pronominal na função de adjunto adnominal realizada com a combinação *que* + possessivo *su*, verificada no exemplo: *mencionamos aquellos diccionarios [...] que su uso em el campo de la docência es o ha sido generalizado [Seco, DDDLE, s.v.cuyo]*. Para o autor, tal fenômeno ocorreu pelo fato de o pronome relativo ter perdido o seu valor anafórico e ter passado a funcionar como mero elemento conector, se despronominalizando.

Cabe ainda resgatar o conceito de Heine (2003) sobre *generalização de expressões lingüísticas* na análise feita por Silva (2005) com dados da estratégia cortadora. Vemo-la como o resultado da extensão ou generalização contextual da estratégia padrão de sujeito/objeto. Segundo Heine, a forma que passa por esse processo mantém reflexos do significado original, porém, há ganhos de propriedades características dos seus usos em novos contextos. Só ocorre a extensão quando um item pode ser usado em novos contextos em que não poderiam ser usados previamente. Entende-se, assim, que o item *que*, em construções como (f), mantém, do significado original, a propriedade de conectar orações, porém, não exerce função sintática como um pronome relativo canônico exerce em (g). O falante deixa de realizar a preposição para construir uma estrutura mais geral e análoga à estrutura ou estratégia de relativização mais comum na língua (sujeito/objeto).

(f) Ele está sendo feliz com a garota *que* ele está saindo

(g) Ele está sendo feliz com a garota *com a qual/com quem* ele está saindo.

Referências bibliográficas (a completar):

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio, Padrão, 1979.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*, 19: 25-64. Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997.

COMPANY COMPANY, Concepción. “Gramaticalización y dialetología comparada. Una isoglosa sintáctico-semántica del español”. *DICENDA. Cuadernos de Filología Hispánica*. 20:39-71, 2002.

\_\_\_\_\_. (s/d) *La gramaticalización en la Historia del español*. (mimeo)

CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M. R. & MARTELOTTA, M. (ORG.). *Lingüística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: Joseph, Brian & Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. P. 575-601, 2003.

HEINE, Bernd *et alii* (1991) *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Volume I, Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

LEHMANN, Christian. (1985) “Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change.” *Lingua e Stile*, XX, 3, p:303-318, 1985.

LOPES, C. R. dos S. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri. Vervuert/Iberoamericana, vol. 18, 2003.

MARTELOTTA, M. E. A mudança lingüística. In: CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M. R. & MARTELOTTA, M. (ORG.) (2003) *Lingüística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. *O caminhar que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do que*. 2005. Dissertação (Mestrado Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.